



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: A Tribuna Piracicabana

Data: 26/05/2018

Caderno/Link: Pág. A3

Assunto: Aldeia

Aldeia

Adolpho Queiroz

Entre os anos de 1975 e 1978, poucos meses após a abertura do I Salão de Humor de Piracicaba (em agosto de 1974), fundamos na cidade o jornal semanário Aldeia, com uma equipe combativa de redatores, editores de arte e apoio gráfico da Editora Aloisi. O semanário tinha tiragem superior a 3.000 exemplares que eram entregues aos frequentadores de supermercados da cidade, uma ideia inspirada na revista "Bondinho", editada anos antes pelo grupo Pão de Açúcar.

É foi um mix das boas ideias da redação e edição do jornal "O Pasquim", na época dirigido por Ziraldo e Millôr Fernandes, que Alceu Marozzi Righetto levou boa parte dos redatores do jornal "O Diário", para escreverem um novo capítulo da história da imprensa local. Sob o comando de Antonio Celso Castelo da Rocha e José Maria Carvalho Ferreira, eu também embarquei nessa aventura como editor assistente. Ao lado de uma equipe de colaboradores que tinha o advogado Marcos Toledo Pizza, o educador Carlos Martins Sodero, a arquiteta Sonia Rolla, o designer Neto Piedade, a ilustradora Maria Elisabete Gatti, entre outros que semanalmente faziam o semanário circular com novos ares, novas ideias, uma redação imaginativa. E, especialmente, um novo jeito de fazer publicidade para o comércio local.

Durante os anos de sua existência, a Aldeia - que começou a funcionar numa sala comercial do Edifício Kennedy e depois transferiu-se para um sobrado na rua do Rosário esquina da Moraes Barros - fez a cidade pensar e refletir por novos desejos e conquistas. Alceu agitava a redação e o comercial, sempre em busca de soluções para problemas da cidade e novas perspectivas para os anúncios. Assinava uma pequena coluna com o pseudônimo "Guei", grafado assim mesmo, caricaturando os costumes da cidade naqueles dias. Zé Maria dava peso com seus artigos no cenário cultural da cidade.

Eu era escalado para reportagens de rua, com ampla liberdade, como a entrevista que fiz com o meu ex-professor de ciências do velho "Sud Mennucci", Francisco

Alceu agitava a redação e o comercial, sempre em busca de soluções para problemas da cidade e novas perspectivas para os anúncios

Godoi. Ele havia combatido na revolução de 1932 e me deu um depoimento que chocou os piracicabanos na época, que endeusavam a participação do batalhão piracicabano. Seu Chico contou entre outras que os piracicabanos não tinham munição - um professor da *Esalq* inventou a matraca, que imitava uma metralhadora, para justificar a nossa falta de artilharia. E que o batalhão piracicabano tomava álcool puro nas noites geladas da Serra da Mantiqueira, para espantar o frio. Alceu segurou a minha barra contra a ira dos conservadores da cidade contra a minha reportagem. E o velho Chico levou umas espinhafradas pelos jornais da cidade...

Em formato tabloide, mais tarde transformado em revista, a Aldeia abriu espaço também para uma nova geração de artistas gráficos da cidade que assinaram suas capas na época, como Chico Coelho, Neto Piedade, Tuco Amalfi, Jago, Rudinei Bassete, Emilio Moretti. E para as fotos de Aldano Beneton Filho e outros fotógrafos da cidade, que destacaram as moças mais bonitas da cidade daqueles dias.

Queríamos ser "O Pasquim", desvendando novos cenários culturais para a cidade. Se não chegamos a tanto, pelo menos demos trabalho aos jornais da cidade. E aprendemos muito. Acho que eles também.

Adolpho Queiroz, um dos fundadores do Salão de Humor, é presidente da AHA (Associação dos Amigos do Salão de Humor), 2º tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e professor do Curso de Publicidade da Faculdade Anhanguera de Santa Bárbara d'Oeste

